

Sala do Artista Popular: 20 anos de banquete*

*A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte*

Essa estrofe da música dos Titãs, que mobiliza centenas de pessoas, jovens e adultas, com seu estilo de protesto, põe em pauta a essência que caracteriza, ou distingue, os seres humanos: a necessidade de transcender a existência física.

Não existimos apenas quando mantemos o corpo alimentado. As necessidades humanas ultrapassam em muito aquelas fisiológicas. Os alimentos que nos sustentam enquanto seres que pensam e conduzem o rumo da própria existência (e a de outros seres vivos) – e que são responsáveis pelos caminhos que constroem – são também construídos de ingredientes para os ‘sentidos’ da razão, da emoção, da paixão.

Nessa trajetória do ‘assim caminha a humanidade’ (com passos de formiga, e sem vontade, como diz a música do Lulu Santos), construímos valores, fazemos descobertas, repetimos fórmulas, produzimos mudanças, alteramos ritmos, sonhamos com dias melhores. Deixamos rastros que registram nossa trajetória – memórias.

Tradicionalmente os museus se ocupam disto: de guardar e expor nossa memória, ou alguns de seus elementos. Partes de um grande conjunto que possamos remontar. Mas para quê? Para sabermos o que trilhamos, como, quando e para quê? Certamente. Mas sobretudo para que possamos ir mais adiante com essas informações – sempre tendenciosas, aliás, porque tomadas por um determinado grupo, num determinado tempo, para uma função especial: reiterar um valor, transformar uma ameaça, mudar um sentido ou uma situação. Algo, entretanto, nos move, nos mobiliza e nos orienta.

Os museus de antropologia e de etnografia dedicam-se a buscar os sentidos da existência dos diferentes grupos humanos que compõem as sociedades que conformam ou que dão forma a uma comunidade, de uma determinada nação, num tempo específico. Dedicam-se a tentar entender as formas de se relacionar, de se organizar, de ver e reagir no tempo social.

Os objetos desses museus – do trabalho, de uso cotidiano, religioso ou festivo – interessam pela capacidade de expressar um determinado ponto de vista, proposto pelo mediador que os coleta e expõe.

E a quem interessa essa perspectiva? Quem são esses mediadores? Qual o papel que exercem?

São indivíduos de fora dos grupos sociais que analisam, exercitando olhares apurados a partir de uma lente teleobjetiva que vive à caça da diversidade – do outro, aquele que não sou eu e de quem imagino (e faço enorme esforço intelectual para isso) ser porta-voz.

Assim, os objetos desses museus se pretendem porta-vozes daquilo que continua se transformando lá fora, num contexto próprio. Por isso, para além de cada moringa, vale o conjunto das fotos que registra seu processamento técnico, os lugares e os modos como é usada, quem usa e o que vai dentro. As fotos e filmes ganham papel relevante. E as vozes dos atores principais – que fazem e usam – são consideradas essenciais. Para esses museus, o

papel de guardião da memória é uma consequência da função de conhecer o outro e de difundir a visão do outro. E nesse sentido exercem um papel contemporâneo na difusão da diversidade cultural.

Nessa direção é que foi criada a Sala do Artista Popular integrada ao Museu de Folclore Edison Carneiro, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, instituição de pesquisa, documentação e difusão das expressões de cultura próprias dos estratos populares da sociedade.

A Sala do Artista Popular é um espaço de exposições temporárias com características específicas e é também um programa de atuação que tem imprimido uma dinâmica especial à instituição.

Comemorando 20 anos de existência com funcionamento ininterrupto, o espaço-programa caracteriza-se inicialmente pelo trabalho de pesquisa de campo que se desenvolve em diferentes comunidades deste enorme país que é o Brasil.

É instrumento de parceria com estados, municípios, organizações da sociedade civil, empresas públicas e privadas com os quais desenvolvemos as diferentes etapas e partilhamos os recursos necessários.

Em sua 145ª edição, já realizou pesquisas sobre a produção de diferentes indivíduos e grupos. São agricultores, donas-de-casa, pescadores, homens, mulheres, de raças e credos diferenciados; de idades e etnias distintas. Muitos brasileiros. De mais perto e de mais longe de centros urbanos. De áreas de matas e rios, de lagoas e mares; de morros e planícies; da caatinga, do planalto central, do pantanal; da Amazônia. Do norte, do sul, do leste e do oeste. São brasileiros e brasileiras. Documentamos com fotos e fitas gravadas o que fazem, auscultamos o que pensam, ouvimos o que sonham. Buscamos intervir numa realidade nem sempre pacífica, por vezes cruel, às vezes surpreendente, quase desconhecida por muitos, mas sempre real.

Em todas as edições produzimos um registro voltado para a difusão: o catálogo da exposição realizada no espaço Sala do Artista Popular. Textos das pesquisas etnográficas com fotos e partes de depoimentos acompanham a trajetória desse programa.

O trabalho da pesquisa documentada prolonga-se na exposição de curta duração, em torno de 30 a 40 dias, prazo durante o qual preparamos já a próxima edição. É uma dinâmica que se repete quase ininterruptamente – do trabalho de campo ao espaço de exposição.

Até aqui, o que esse programa faz é alimentar um processo de conhecimento e difusão dos diferentes modos de ver, entender o mundo por meio das expressões artísticas e do fazer artesanal de diferentes grupos e pessoas. E assim permite, simultaneamente, a fruição dos visitantes que freqüentam os espaços do museu e que por meio dos objetos, fotos e textos vão-se alimentando dessas informações e conhecendo novos sentidos.

Mas o que torna esse programa especial, a meu ver, são duas características que ele congrega: a comercialização das peças que são expostas e a presença de artistas ou artesãos envolvidos, seja na ocasião da inauguração da mostra ou em oficinas realizadas no período.

Isso porque essas características significam a participação efetiva dos autores, ou seja, por meio da possibilidade de vender seus produtos, alcançam de modo direto renda e, de forma simbólica, auto-estima – alguém compra o que ele produz, logo valoriza o que ele faz.

A vinda ao espaço de exposição, por sua vez, para oficinas ou mesmo só para a festa de abertura, significa o momento maior de reconhecimento e reafirmação. O público presente e as obras expostas, ao lado da exposição de longa duração do museu, são então apropriados – pessoas e espaços diferentes – pelos artistas e artesãos. Quem olha o quê? O que vende? Quais são as curiosidades do público? Quem são essas pessoas que visitam museus e para que o fazem?

Esse é o momento do caminho de volta, da troca, da socialização dos códigos dos mediadores para que sejam reapropriados e ressignificados. É a saída para outras partes. É aqui que o sonho encontra uma brecha para ser realidade e alimentar novos sonhos, pensar um país e um mundo mais justos. Cultivar nossas utopias.

A Sala do Artista Popular, criada no Instituto Nacional do Folclore, na direção de Lélia Frota e marcando o período de Aloisio Magalhães na Secretaria de Cultura, completou 20 anos. Duas décadas de atuação de um programa de trabalho que também dá nome a um espaço. Trata-se de uma proposta que começa com o desejo de conhecer e a vontade política de agir para construir um lugar mais plural para existir, para conviver, para viver com base no respeito à diversidade e com o compromisso de socializar os instrumentos públicos.

O programa da Sala do Artista Popular serve de alimento permanente para a equipe que trabalha no Centro – pesquisadores, museólogos, educadores, documentalistas, administradores; mostra-nos a razão e os compromissos da instituição, os limites e o potencial das intervenções, os anseios e as urgências dos indivíduos e grupos com os quais dialogamos. É um aprendizado permanente que gratifica e amadurece nossas idéias e ideais.

Esse programa inspirou outro, o Paca – Programa de Apoio a Comunidades Artesanais –, com o qual o museu exercita ainda mais a antropofagia cultural porque atua diretamente nas comunidades, propondo investimentos negociados com os diferentes grupos, convivendo com os problemas e soluções locais, com as fragilidades e potencialidades das tradições artesanais que fazem parte de distintos mundos socioculturais. Aqui mais uma vez reunimos vivências e registros, alimentamos a memória documental para ser consumida pelos usuários do museu. Ao mesmo tempo buscamos socializar esses instrumentos com os quais convivemos: o museu enquanto espaço, processo, lugar de fruição, de formação de opinião, usina de projetos que pode estar acessível a todos. Que deve estar para todos. Guardando e cuidando de símbolos da memória, intervindo e agindo em direção ao futuro.

Claudia Marcia Ferreira

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.